NARRANDO E REFLETINDO: NOTAS SOBRE O PROJETO PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

NARRATING AND REFLECTING: NOTES ON THE PET / PEDAGOGY / RACIAL RELATIONS AND EDUCATION PROJECT AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF AMAPÁ

Elivaldo Serrão Custódio[1]
[https://orcid.org/0000-0002-2947-5347]

Eugénia da Luz Silva Foster[2]
[https://orcid.org/0000-0002-0807-078]
DOI: 10.30612/raido.v15i37.13603

RESUMO:O presente artigo tem como objetivo trazer reflexões, notas de memórias e experiências sobre o processo de inclusão da temática racial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Trata-se de um estudo qualitativo reflexivo a partir dos estudos de Melucci (2005), Minayo (2008), dentre outros. Os resultados apontam que as atividades relativas às diversas fases do projeto contribuíram para que a UNIFAP ampliasse seu foco de atividades, com a inclusão de forma mais geral das discussões sobre a temática das relações raciais. Evidentemente, vem acontecendo, através da instituição de políticas afirmativas na graduação e na pós-graduação, todas instituídas por lei, mas que careciam de sustentação teórica e de uma preparação mais ampla da comunidade universitária para sua efetiva implementação. O projeto foi uma oportunidade ímpar na sistematização de estudos sobre o racismo no mundo e no Brasil, ao mesmo tempo que estimulou os acadêmicos bolsistas a mergulharem nas suas próprias memórias, percebendo como elas traduzem as teorias racistas dominantes, as sutilezas de um racismo disfarçado e as formas através das quais se foi aprendendo a ser racista, nas entrelinhas dos discursos, das atitudes e das situações vividas, ouvidas e relatadas.

Palavras-chave: Educação; Pet/Pedagogia; Relações raciais; Memórias e experiências; UNIFAP.

ABSTRACT: This article aims to bring reflections, memory notes and experiences about the process of inclusion of the racial theme in the Pedagogy course at the Federal

1 Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS com pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente é professor no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP) e professor coorientador no Doutorado em Educação da Amazônia (EDUCANORTE). Vice-líder do Grupo de Pesquisa *Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais* (UNIFAP/CNPq). E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Fluminense (UFF), com pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Associada da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atual no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP) e no Doutorado em Educação da Amazônia (EDUCANORTE). Líder do Grupo de Pesquisa *Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais* (UNIFAP/CNPq). E-mail: daluzeugenia6@gmail.com

CC BY NC SA

University of Amapá (UNIFAP). This is a qualitative reflective study based on studies by Melucci (2005), Minayo (2008), among others. The results show that the activities related to the different phases of the project contributed to UNIFAP's broadening its focus of activities, with the inclusion, more generally, of discussions on the theme of racial relations. Evidently, it has been happening, through the institution of affirmative policies in undergraduate and graduate courses, all of which were instituted by law, but which lacked theoretical support and a broader preparation by the university community for their effective implementation. The project was a unique opportunity in the systematization of studies on racism in the world and in Brazil, at the same time that it encouraged scholarship holders to delve into their own memories, realizing how they translate the dominant racist theories, the subtleties of a disguised racism and the ways in which one learned to be racist, between the lines of speeches, attitudes and situations experienced, heard and reported.

Keywords: Education; Pet / Pedagogy; Race relations; Memories and experiences; UNIFAP.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

> O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a história.
>
> Walter Benjamin

Abrimos nossas reflexões com a narração de duas situações de sala de aula. Uma ocorrida em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental e outra vivenciada por um/uma dos/as autores/as em reunião pedagógica na escola.

Situação 1 – relato de uma professora:

Uma criança se nega a dar as mãos ao colega, em uma atividade em que era necessário que todos se dessem as mãos, em círculo. Ante a inesperada reação de recusa, a professora decide forçar a situação e obrigar o aluno a dar as mãos ao colega, que continua resistindo. Indagada pela professora, sobre as razões da recusa, a criança já bastante constrangida apresenta a seguinte justificativa:

"Não quero, ele é preto!"

Conta a professora que, perplexa diante da situação, para ela inusitada na trajetória de tantos anos de magistério e oscilando entre indecisa e insegura sobre a melhor atitude a tomar resolve:

"Ah é? Então agora você vai abraçar e beijar seu colega, senão vai para a diretoria".

O aluno desata a chorar e a professora resolve pedir ajuda à Coordenação Pedagógica.

Situação 2 – vivenciada por um/uma dos/as autores/as em reunião pedagógica:

Ao relatar a situação de sua turma, em reunião de final de bimestre, uma professora de terceira série, em escola bem conceituada do estado do Amapá, faz o seguinte comentário:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

"Está aí, Pedro é pretinho, mas esse menino até que não me dá trabalho. Às vezes é atentado, mas aprende direitinho".

Interpelada sobre o caráter racista do comentário, a professora deu a seguinte justificativa e, como sempre, jogou a responsabilidade pelo "deslize" à pessoa que a interpelou.

— "Nada disso! Vocês adoram ver chifre em cabeça de galinha. Eu não sou racista e não quis dizer nada disso. Tudo vocês tomam como racismo. Isso já é complexo de inferioridade!".

Infelizmente, não foi possível avançar na discussão porque a professora se fechou num mutismo carrancudo e não quis mais tratar do assunto.

Essas duas situações acima relatadas entram aqui como mote para introduzirmos narrativas de memórias e experiências sobre o processo de inclusão da temática racial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) a partir da tutoria de um projeto financiado pelo Ministério da Educação (MEC) denominado *Pet/Pedagogia/Relações Raciais e Educação* no período de 2011 a 2019. Narrativas que são complementadas por uma discussão teórica sobre a importância da memória e das narrações, sobre a crítica e a ênfase dada a racionalidade na educação escolar, bem como a respeito da necessidade de se pensar seriamente sobre a importância da inclusão da temática racial, tanto na escola, como nos cursos de formação de professores. Trata-se de um estudo qualitativo reflexivo a partir de Melucci (2005), Minayo (2008), dentre outros.

A atitude das duas professoras revela um despreparo de muitos profissionais, no que diz respeito ao tratamento a essa questão, ainda muito presente nas nossas escolas; fato que pode ser lido nas entrelinhas das falas de tantos entrevistados, ao longo das nossas incursões pelas escolas do estado do Amapá.

Elas nos instigam a algumas reflexões sobre a memória racista que ainda prevalece na escola e que vimos tentando fraturar, ao longo dos anos, em parceria com colegas de trabalho, com nossos mestrandos e hoje doutorandos e doutores, com quem temos tido o privilégio de trabalhar e desenvolver projetos/ações voltados para a educação das relações étnico-raciais. O foco das nossas análises tem sido as situações cotidianas de racismo em suas diversas formas e meios por onde se manifesta, como também os movimentos que buscam afirmar uma positividade do ser negro e fazer valer na prática a implementação da Lei n° 10.639/2003 e da Lei n° 11.645/2008.

No nosso entendimento, e a partir das nossas experiências de longa data[3] no campo da educação, no curso de Pedagogia e nos Programas de Pós-Graduação, temos alcançado alguns avanços nesse domínio, evidenciados por uma perceptível mudança no tratamento dado à questão racial na escola, até mesmo por força da lei, ainda que saibamos que uma canetada não é suficiente para promover as mudanças desejadas, particularmente em um tema complexo e controverso como a questão racial no Brasil.

3 Mais precisamente, uma experiência de vinte anos em que vimos nos debruçando sobre o tema das relações raciais e que teve início com a aprovação de um/uma dos/das autores/as do texto no curso de Doutorado em Educação na Universidade Federal de Fluminense (UFF) no ano de 2000, sob orientação da professora Dra. Célia Frazão Linhares.

Acreditamos que para impulsionar/oportunizar mudanças efetivas, para além do conhecimento teórico do estudo, da busca de informações sobre a constituição histórica, social, econômica, as disputas de poder, o conhecimento das desigualdades sociais e o recorte racial presente em vários domínios, tudo isso precisa ser acompanhado de ressignificação nas/das emoções dos professores. Consideramos que a articulação da razão com a emoção nessa questão pode induzir a ultrapassagem do conhecimento meramente racional e estimular o entendimento de que para mudar a mentalidade racista que nos constitui é necessária uma revisão urgente das nossas emoções sobre o outro, o diferente.

Nessa direção, estamos convencidos de que nessa questão é a racionalidade que tem conduzido nossos processos de aprendizagem sobre o mundo que nos cerca e que tem levado a muitos a negligenciar o poder que a emoção tem no comando de nossas ações e na forma de pensar o mundo em nossa volta. Precisamos entender, nos processos de formação e outros domínios da nossa ação educativa, que por trás de qualquer atividade nossa estará uma emoção que a funda e a orienta. E que essa emoção pode ser de aceitação e/ou de rejeição do outro ou do conhecimento sobre o outro (MATURANA, 1998, p. 15).

Diante do contexto, em nossas atividades de pesquisa, de ensino e de extensão nos orientamos pelo princípio defendido por Maturana (1998) que é preciso colocar a objetividade entre parênteses, para considerar nas análises, igualmente, o domínio das emoções na explicação da realidade, o que implicaria em pressupor a existência não de uma verdade absoluta, mas sim de uma pluralidade de verdades.

Por outro lado, se vislumbrarmos a íntima relação entre a memória e o esquecimento, poderíamos compreender ainda melhor as narrativas que usamos como exemplos para introduzir este texto. As reações das duas professoras denotam uma concepção de homem e de mundo típica de sociedades racistas, erigidas em cima de processos nem sempre visíveis de esvaziamento das memórias e das narrativas daqueles que a história oficial insiste em atribuir um papel de meros figurantes. Parafraseando Benjamin (1994): uma visão de história em que o cortejo dos que triunfaram avança por sobre aqueles que tiveram sua história negada.

Benjamin (1994) ao atrelar a memória à significação de experiências, nos mostra como em um mundo cada vez mais fragmentado a experiência está perdendo o seu lugar de honra na constituição dos modos de viver. A memória continua atrelada à efemeridade de um presente destituído do passado que o significa e o dá sentido. Procura-se apagar os vestígios, os rastros do passado porque não temos mais experiências narráveis para compartilhar. Dessa forma a humanidade vai ficando mais pobre devido ao culto do atual desenvolvimento da tecnologia e da disseminação da informação jornalística.

Escovar a história a contrapelo – um dos pontos fundamentais do pensamento de desse autor, ao acreditar que para ultrapassarmos esse culto ao efêmero precisamos constituir uma experiência com o passado, pois esse encerra histórias de lutas, sonhos e utopias não concretizados e que precisam ser continuados. Rememorar é não deixar cair no lago do esquecimento a história das lutas de nossos antepassados, seus sonhos e desejos de liberdade. É o momento de voltar a olhar para trás e identificar no passado coberto por uma névoa de falsa harmonia, um lampejo de outro futuro.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

> Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? (BENJAMIN, 1994, p. 114).

Evidências de uma memória individual e coletiva que se apoia em narrativas de uma história da negritude que, embora fraturada na contemporaneidade, insiste em recrudescer nos interstícios das relações entre o "nós e os outros" ao insistir em afastar os próprios negros da experiência da negritude. Uma experiência que poderia ser o ponto de partida para o resgate da outra memória, aquela negligenciada e relegada ao esquecimento por determinados processos de formação de professores. Aqui lembramos a obra de Dávila (2006) intitulada *Diploma de Brancura: o que aconteceu com os professores de cor do rio?*[4]

Aponta que os reformadores da educação viam a profissionalização como um processo meritocrático e técnico. Uma política ideológica e preconceituosa que claramente diminuía as chances a principalmente homens pobres e afrodescendentes e assentada em valores combinados de raça, classe e gênero, onde ser branco, feminino e de classe média era o valor padrão que precisava ser implantado e atingido, mediante certas políticas educacionais.

Chauí, em 1994, na apresentação da obra de Ecléa Bosi "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" afirma que lembrar significa re-fazer, um processo de reflexão, de compreensão do agora a partir do outrora. Lembrar é compreender o presente a partir das experiências que se teve no passado. A lembrança – continua Chauí, precisa ser lapidada pelo espírito; é um trabalho sobre o tempo onde procuramos recriá-lo constituindo-o como ´nosso´ tempo. Ao recordar, fica o que significa (BOSI, 1994).

Perguntamos nessa rememoração: O que ficou para os nossos alunos e professores da recordação de suas experiências em torno da questão racial promovidas no âmbito das atividades do Projeto PET? Que significados essas experiências têm para eles hoje? Que reflexões eles vêm fazendo sobre o tema? Há indícios de uma reflexão crítica sobre o que significa para a prática educativa esse processo de revisão de memórias? Que processos de ruptura estão ganhando espaço na escola?

E é com base nessas indagações que acreditamos na natureza instituinte do Projeto PET e outros desenvolvidos por nós no âmbito das atividades de ensino, pesquisa e extensão, na mesma direção do que vimos trabalhando até agora. Experiências que, através da atuação destacada dos professores têm circulado na escola procurando construir outra realidade. Se estudamos os movimentos instituintes em sua relação com a questão das relações raciais e educação é porque apostamos que importantes segmentos sociais desejam outra escola e por isso partilham do desafio de reinventá-la.

Os projetos instituintes em educação são formas de anunciar reversões na própria racionalidade e política dominante, de modo a preencher lacunas e vazios deixados

4 A autora trata nessa pesquisa dos processos históricos que levaram ao gradual branqueamento do quadro de professores do estado do Rio de Janeiro. Nessa investigação procurou investigar a dinâmica de branqueamento no âmbito dos processos de profissionalização do ensino e de treinamento de professores, na história da formação de professores no Rio de Janeiro.

por uma organização do saber hierarquizado e excludente de outros saberes, de outra corporalidade e de outras memórias. Sua origem está atrelada com a vida, com a história e com as ações coletivas e individuais que se alimentam de uma memória, para dar sentido ao que ficou suspenso no passado e que clama por uma solução (LINHARES, 2000, 2002, 2006, 2010).

Constituindo-se como uma busca de alternativas para a educação, mais particularmente para as instituições de ensino e as de formação de professores, os movimentos instituintes são aqueles "capazes de anunciar o novo, como ruptura de sucessivas e acumuladas opressões" (LINHARES, 2002) e conjugam projetos múltiplos de sociedade e de educação. São projetos que postulam processos escolares que defendem concepções de conhecimento em que sujeito e objeto se interpenetram e se conjuguem com a vida. Neste sentido cabe perguntar: que dimensões são essenciais na formação de professores para que nossos cursos possam religar os saberes produzidos socialmente, na perspectiva de uma ação pedagógica ética, plural e autônoma?

Na direção contrária a natureza reprodutora das reformas, continua Linhares (2000, 2002, 2006), dizendo que são projetos construídos na busca de inventar mais do que reproduzir, *compartilhando dúvidas e enigmas* e diminuindo *certezas e arrogâncias*. Para isso, o cotidiano escolar pauta-se num projeto de sociedade onde os partidos políticos, associações, sindicatos e movimentos sociais buscam instituir uma nova ordem social e escolar.

Diante desse contexto, esta reflexão nos remete às contribuições de Benjamin (1994), para o sentido das 'experiências plenas', que se traduzem por uma tessitura coletiva e pela possibilidade de abertura polifônica. A experiência instituinte se afirma como uma experiência compartilhada por um grupo, contrapondo-se ao pontual e fragmentado do sujeito isolado. É uma experiência aberta, não se afirma como 'símbolo', com um significado unilateral, mas como 'alegoria' por seus múltiplos sentidos e leituras. Podemos articular este conceito ao sentido de 'origem' em Benjamin (1994).

Assim, o instituinte não se confunde com o 'novo', mas é busca constante do movimento emancipador que articula passado, presente e futuro. Contrapondo-se ao modismo e a uma reprodução estática do passado, a experiência instituinte sinaliza a densidade da experiência humana ao recuperar o sentido de uma memória viva, pulsante onde o olhar para o passado potencializa o presente e nos ajuda na construção dos projetos de futuro, pois que é ancorada em uma memória que é capaz de prometer (LINHARES, 2000).

As Experiências Instituintes são exemplos de movimentos que procuram seguir na contramão das tendências cristalizadas na escola. Com elas, busca-se desocultar opressões silenciadas por um projeto de sociedade e de educação hegemônica, ao mesmo tempo que se apoiam numa outra lógica e numa concepção de conhecimento não hierarquizado. Dessa maneira, atendemos a um requisito básico: o de que a escola não é só um meio de reprodução, mas também ela se constitui num espaço de reconstituição de memórias e projetos onde se conjugam existência e ciência, razão e poesia, vida e conhecimento lógico-racional (LINHARES, 2000, 2002, 2006, 2010).

É com este espírito que buscamos aqui narrar as experiências sobre relações raciais no Curso de Pedagogia da UNIFAP e o fazemos também na perspectiva de Bruner (2001) quando aponta para a narrativa como um modo de pensamento e como um veículo de produção de significado. Afirma esse autor que o homem usa duas formas

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

para organizar seu conhecimento do mundo e estruturar sua experiência imediata: o pensamento *lógico-dedutivo* e o pensamento *narrativo*. Representamos nossas vidas na forma de narrativa, e estruturamos nossos relatos sobre o mundo, sobre nossas origens e nossas crenças de modo narrativo, embora as artes da narrativa - a ficção, o drama o teatro, o canto - tenham sido convencionalmente encaradas nas escolas mais como "decoração".

Na esteira dessas considerações iniciais nos indagamos novamente: Por que razão esse movimento de recuperação da memória em um processo narrativo de experiências compartilhadas no âmbito de um trabalho realizado no curso de Pedagogia? Para recuperar essa memória do *Pet/Pedagogia/Relações Raciais e Educação*, portanto, nos ancoramos nas contribuições dos estudos sobre memória e narrações, memória e experiência para trazer a lume não só as nossas memórias, mas também as memórias raciais dos alunos, de modo que no seu processo de formação as usem como ferramentas para fecundar um processo de formação de professores mais crítico e socialmente engajado.

Não podemos esquecer nossa luta dentro do próprio curso de Pedagogia para introduzir estudos sobre relações raciais na matriz curricular do mesmo, na altura uma temática encarada como tema de pesquisa de menor relevância cientificamente. Não esquecemos a estranheza, as reservas com que o projeto *Pet/Pedagogia/Relações Raciais e Educação* foi acolhido, além das tentativas de colegas professores do mesmo colegiado em esvaziar os grupos, aliciando-os para outros projetos tidos como mais importantes na formação docente. A fala de um professor do curso de pedagogia é elucidativa dessa estranheza: "Está na hora de o grupo de pesquisa sobre relações raciais dar lugar a outros projetos. Já tem TCC demais sobre esse tema", etc.

Portanto, dar existência a essas memórias significa, pois, entrever nas memórias escolhidas possibilidades de estudo sobre o negro na sociedade brasileira e na escola. Não esquecemos que tanto nós professores como os alunos narradores estamos vinculados por um imaginário comum sobre negritude, sobre o lugar do negro na sociedade brasileira, sobre a diferença, sobre o outro que fomos introjetando através do espaço escolar, da mídia, familiar, religioso, social e ficcional.

1. A ESCOLA E A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇOS PARCEIROS DE FORMAÇÃO: PEQUENOS RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

O projeto *Pet/Pedagogia/ Conexões de Saberes: relações étnico-raciais* insere-se no âmbito mais amplo do PET promovido pelo Ministério da Educação (MEC) que envolve atividades de ensino, pesquisa e extensão. A proposta de constituição de um grupo PET/Pedagogia na UNIFAP foi pensada inicialmente por duas professoras do curso de Pedagogia da mesma instituição que ministravam, em parceria, a disciplina Seminário de Pesquisa, com o tema Educação para as Relações Raciais.

A proposta foi aprovada em nível nacional no ano de 2010, com a colaboração ativa de professores/as do curso de Pedagogia e de mestrandos/as sob nossa orientação, em um esforço de articular a graduação com a pós-graduação na formação dos acadêmicos/as.

O projeto em seu nascedouro previa a participação de estudantes dos cursos de Pedagogia, Direito, Enfermagem, Ciências Ambientais e atribuía bolsas de estudos a doze bolsistas de graduação a cada dois anos. No entanto, por dificuldades outras como

espaço adequado para desenvolver as atividades, bem como outras questões logísticas, decidimos nos limitar aos cursos de Pedagogia e Enfermagem, inicialmente, para depois limitar mais ainda para apenas o curso de Pedagogia.

Em termos institucionais o projeto PET configura-se como projeto de Extensão e tem como objetivo a ampliação e o fortalecimento dos vínculos entre a Universidade e a Escola Básica, atuando na formação inicial e continuada de professores. Quase todos os colaboradores, encontravam-se, no período, na condição de alunos inscritos nos Programas de Pós-graduação aos quais a professora tutora estava vinculada.

O projeto antes era intitulado: *Questão étnico-racial em contextos educativos formais e não-formais localizados em comunidade do campo e quilombolas do Amapá*. Tinha como objetivo promover a articular ações e reflexões dentro da temática das relações raciais e educação, em diálogo com as experiências escolares e não escolares. Encontrava-se articulado à Linha de Pesquisa cadastrada no CNPq sob o título de "*Educação, Relações Étnico-Raciais e Interculturais*".

O projeto apresentava as seguintes características: 1) Um caráter interdisciplinar que busca favorecer uma formação acadêmica condizente com o estágio atual do desenvolvimento do conhecimento dos cursos envolvidos (Pedagogia, História, Ciências Sociais, Ambientais, Direito e Enfermagem) através da articulação ensino, pesquisa e extensão; 2) Caráter integrador pela articulação entre universidade e comunidades; 3) Visava promover a inclusão social e educacional das populações tradicionais do campo e quilombolas através de atividades realizadas em campo pelos "petianos"; 3) Tinha como alguns dos objetivos promover a qualificação dos estudantes de origem popular; introduzir o acadêmico no âmbito da Metodologia Científica e na produção de conhecimento nas diversas áreas temáticas e na questão racial.

Como justificativa para a sua implementação elencamos alguns aspectos importantes: 1) Um índice significativo de situações de discriminação racial apontados por estudos e pesquisas que sugeriram a percepção de uma distância entre um discurso de inclusão cada vez mais sofisticado no campo educacional e a vivência cotidiana de crianças e jovens negros e negras. Realidade que naquele momento sugeria uma maior atenção aos mecanismos que promoviam o silenciamento como uma das formas aparentemente eficazes para escamotear as relações desiguais dentro da escola e fora dela; 2) Desconhecimento por parte dos cursos de formação de professores sobre os processos de discriminação racial e, consequentemente, pouco ou quase nula capacidade técnica para os encaminhamentos necessários na escola. Muitos professores preferiam desvalorizar, desconsiderar a importância da questão racial como elemento imprescindível no currículo das escolas e na universidade e na construção de uma educação plural e democrática; 3) Necessidade de destacar o papel articulador da universidade na aproximação entre a teoria com a prática nesta e outras questões candentes na nossa sociedade, na busca de respostas aos desafios com os quais lidamos cotidianamente. O processo de pesquisa aqui comparece como um espaço importante para promover essa articulação.

Naquele momento foi avaliada a necessidade de dar continuidade a um projeto de pesquisa que vinha sendo executado por uma das professoras, desde agosto de 2006[5],

5 Nos referimos ao projeto intitulado: Questão Racial na Escola: Repensando a Formação de Professores: 2006-2008.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

onde passamos a acrescentar à proposta inicial, além da ampliação do universo escolar contemplado no projeto anterior, com a inclusão de escolas localizadas em comunidades quilombolas, a partir não só da realização de atividades de pesquisa com professores, alunos, coordenadores pedagógicos, diretores, inspetores e serviços de apoio, mas também o desenvolvimento de atividades de colaboração com a escola. A intenção era a de contribuir com elementos teóricos e metodológicos com a prática dos professores, através da realização de discussões, debates, cursos de atualização e aperfeiçoamento, bem como a constante ampliação teórico-metodológica, nessa questão.

Assim sendo, propomos na época, apresentar mais uma contribuição ao debate sobre a temática racial na educação, no estado do Amapá, procurando aprofundar a compreensão dos desafios enfrentados pelos sujeitos que se no seu cotidiano lidam com processos de formação de outros sujeitos e com isso buscam promover uma real democratização do ensino no estado e no país.

Como princípio básico norteador das nossas ações de ensino, pesquisa e extensão dentro e fora da universidade, o projeto ancorou-se no princípio político e epistemológico que até hoje nos instiga a ampliar nosso olhar para além do visível à priori e considerar aqueles elementos tido como negligenciáveis por serem menores e pouco reconhecidos por uma determinada ciência. Ou seja, considerávamos e até hoje consideramos importante o reconhecimento de outras dimensões da prática educativa, para além do domínio racional, buscando, no que diz respeito à temática racial, ressaltar as sutilezas por onde o racismo vai se metamorfoseando, sem desconsiderar os movimentos que vêm seguindo na contramão das práticas racistas no contexto educativo.

Os esforços demandados nas pesquisas de doutorado nos revelaram a necessidade de aprofundar esse debate no campo da formação docente, acrescentando a ele outros elementos como uma avaliação dos avanços e as dificuldades dos professores que atuam na escola básica, capazes de indicar o direcionamento que vem sendo dado a essa questão nas escolas amapaenses, considerando a implementação da Lei n° 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira, bem como de História da África e dos africanos nos estabelecimentos de ensino públicos e privados no Brasil. Pensamos também que as escolas podem ser espaço de compartilhamento de observações, problematizações, teorizações e debates que funcionam como "comunidades científicas ampliadas", que tendem a se ampliar, transbordando acuidade de questionamento em todo o cotidiano escolar.

No que diz respeito à articulação como o Projeto Pedagógico do curso, a proposta do PET considerava ainda os seguintes aspectos: 1) A possibilidade de o PET contribuir com a elevação qualitativa do Curso de Pedagogia da UNIFAP por meio do fomento e realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão; 2) A necessidade de implantação de programas que favoreçam, na Amazônia, o desenvolvimento de pesquisas e atividades de extensão em curto e médio prazo; 3) A correlação dos objetivos do programa PET com as demandas acadêmicas hoje existentes na UNIFAP; 4) A capacidade do PET permitir a criação de uma estrutura de trabalho que facilite o desenvolvimento de projetos individuais e coletivos, favorecendo a investigação científica, a inclusão social e o intercâmbio entre universidade e os espaços educativos formais e não formais; 5) A necessidade de novos vínculos institucionais que permitam ao acadêmico contato com sua área de trabalho e o desenvolvimento de suas habilidades em sua totalidade.

CC BY NC SA

O projeto que ensejou esse relato/reflexão contemplou, ao longo dos anos, uma série de atividades dentro do espaço da universidade e fora dele. Isso incluiu atividades de embasamento teórico sobre o tema das relações raciais e suas relações com a educação, atividades que envolviam a participação em eventos culturais sobre a temática negra no Estado do Amapá; palestras e outras intervenções em escolas e em outros foruns que discutem a questão racial na educação escolar; participaão em projetos promovidos por agentes culturais; levantamento através de entrevistas em escolas, associações culturais, incluindo entrevistas com expoentes da cultura negra do estado, bem como as experiências escolares e não escolares relacionadas ao tema em estudo.

No âmbito das práticas educacionais que visam a construção de uma escola mais inclusiva e não racista e que se apoiam em movimentações[6] fora da escola buscamos contemplar tanto as ações de inclusão da cultura negra desenvolvidas por escolas amapaenses, em seu currículo oficial como os projetos educativos em execução fora do espaço escolar, mas não menos importantes na sua potência para a transformação, mas que têm a finalidade educativa na promoção da inclusão e visibilidade da cultura negra na sociedade. Tendo em vista do projeto supracitado, foi prevista a realização de entrevistas com vários profissionais e pesquisadores que trabalham com a temática racial, em campos diferenciados dentro da educação e preocupados com aspectos diversos dessa problemática é que consideramos a participação do professor Carlos Augusto Gomes de Macapá-AP[7].

Em termos metodológicos nos orientamos na elaboração e realização do projeto PET pela seguinte opção teórico-metodológica: método crítico-dialético, por considerarmos que o conhecimento não pode ser entendido isoladamente em relação à prática política dos seres humanos; Abordagem qualitativa, pois segundo Chizotti (2000) é a que permite a aproximação, de maneira detalhada, profunda e analítica à problemática de pesquisa.

Permite, portanto, analisar as falas e ações dos sujeitos envolvidos, suas crenças, modos de atuação, práticas e processos educativos cotidianos. Esse autor considera que a pesquisa qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real estudado e o sujeito, em uma relação de interdependência entre sujeito e objeto.

Nessa concepção, o projeto pautou-se pelo princípio de não neutralidade do pesquisador. Optamos também pela pesquisa colaborativa, por se apresentar como um projeto que envolve etapas distintas, mas que se entrecruzam: embasamento teórico-metodológico na questão da Educação e Relações Raciais e aspectos metodológicos; Definição de estratégias didático-metodológicas que permitam a colaboração nas escolas, com vistas a contribuir para a formação continuada dos professores da

6 Por movimentações estamos entendendo, inspirados por Heckert (2004), aqueles processos anônimos, não politicamente organizados, *batalhas cotidianas que engendram outros possíveis e suas ressonâncias* que procuram criar outros modos de agir e que visam provocar fraturas no instituído, porém ainda não se configuram como movimentos plenamente reconhecidos e instituídos.

7 Conhecido popularmente como "Carlitão" é um dos fundadores da Banda Placa de Macapá-AP criada em 09 de março de 1983. Muito atuante no campo das atividades culturais, pois vem promovendo a recolha de traços da memória da presença negra no Amapá.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

Educação Básica. É pertinente destacar que o desenvolvimento do projeto envolveu várias ações, além de atividades de embasamento teórico e de participação em projetos extra universidade.

O trabalho iniciou com um levantamento da percepção dos bolsistas sobre a questão racial. Ao término de cada período fazíamos esse mesmo levantamento, a fim de perceber o que havia mudado na percepção do estudante de Pedagogia sobre a questão racial, a fim de mudar as estratégias, incentivar mais as leituras e discussões, bem como motivar para um maior envolvimento com o tema. Estas atividades foram constantes durante todo o período. Ao mesmo tempo buscou-se realizar uma preparação teórico-metodológica dos alunos no tema das relações étnico-raciais e educação, bem como do referencial teórico de apoio e englobou:

Revisão bibliográfica sobre a temática das relações raciais no Brasil e sua relação com a educação quilombola, com o objetivo de propiciar a construção de uma visão crítica sobre a questão racial no Brasil e seus desdobramentos na educação. Essa revisão propiciou ao estudante vinculado oportunidades de contato teórico e reflexões a respeito da questão racial no Brasil em seus aspectos históricos, sociológicos, antropológicos, econômicos, literários etc.

As atividades relacionadas a esta etapa constaram, em linhas gerais, em contribuir para o desenvolvimento do senso crítico, de responsabilidade política e social, bem como uma visão crítica da sociedade e do mundo mais amplo, com vistas a buscar caminhos de intervenção para a mudança e sensibilização.

Ao mesmo tempo, de posse do referencial teórico-epistemológico trabalhado ao longo do projeto, esperou-se que o acadêmico fosse o multiplicador junto à sua turma e às outras turmas de graduação da UNIFAP. Em termos mais específicos tratou-se de abordar os seguintes temas, entre outros não menos importantes: conceitos de raça, racismo e preconceito racial, compreendendo a origem desses conceitos, sua relação com a Biologia e como foram usados para disseminar uma ideia de diferenças raciais entre seres humanos que sobrevive até hoje, em vários domínios da vida e do conhecimento. A ideia de raça é um dos fundamentos do racismo no Brasil e da desigualdade racial entre brancos e negros. O racismo no Brasil enquanto construção histórica e teórica, avalizado por uma pseudociência. Movimentos instituintes[8] que buscam a valorização das diferenças em seus vários aspectos e suas conexões com as manifestações culturais e sociais do estado do Amapá.

Enquanto fundamento para uma mudança de conceitos, de atitudes e de visão de mundo por parte dos acadêmicos, as atividades concernentes à etapa do embasamento teórico foram permanentemente avaliadas, tendo como critérios: participação e assiduidade em todas as atividades realizadas; evidências de mudança de postura do acadêmico sobre a temática em foco; leituras e apreensão dos conceitos básicos, bem como sua demonstração nas discussões em grupo; elaboração de resenhas críticas de textos básicos discutidos e outras atividades como elaboração de análises críticas de documentários e

8 Os movimentos instituintes não se dispõem como objetos prontos a serem descobertos por investigadores geniais e certeiros; somos todas/os fabricantes nesses e desses processos instituintes/instituídos, pois eles dependem do modo com que os percebemos, os desejamos, intensificando condições e possibilidades de seus caminhos de construção, que não desprezam o aproveitamento de frestas (LINHARES, 2010, p. 801-818).

filmes exibidos. Capacidade de iniciativa do "petiano" em propor atividades, em usar a criatividade, bem como demonstração de espírito colaborador com colegas.

A seguir, destacamos alguns temas desenvolvidos durante a execução do projeto: 1) Conceitos básicos: raça, racismo, preconceito, discriminação racial; relações étnico-raciais no Brasil; as teorias raciais, mestiçagem e branqueamento na construção da identidade racial, questões relevantes, o mito da democracia racial; movimentos instituintes na escola; Leitura e discussão de texto sobre o "tornar-se negro"; Discussões atuais sobre o tema – críticas ao mito da democracia racial; a Lei n° 10.639/2003; relações raciais e educação: sutilezas e movimentos instituintes - questões relevantes levantadas por estudos e pesquisas já realizados; Algumas questões atuais sobre currículo e educação quilombola (ALVES, 2005; BENJAMIN, 1994, BRASIL, 2003; CANEN, 2000; CAVALLEIRO, 2012; FANON, 2008; FOSTER, 2005; GOMES, 1995, 2005, 2012, LINHARES, 2000, 2002, 2006, 2010; MUNANGA, 2008; SOUZA, 1983; TRIVIÑOS, 2008; LÜDKE, ANDRÉ, 2013).

Vale ressaltar que este projeto gerou ainda alguns relatórios individuais com depoimentos dos acadêmicos e acadêmicas que fizeram parte desse projeto. Perguntados sobre a importância de se estudar o tema das relações raciais e seus desdobramentos no campo da educação e formação de professores, eis algumas respostas:

> Considero que é de extrema importância o tema, para realizar o meu trabalho como futuro professor, pois para falar de racismo é preciso estudar, se aprofundar em conhecimentos que envolvam a compreensão de direitos, de lutas, para derrubar tabus e achismos, a fim de construir uma sociedade justa, respeitável e entender que a religiosidade, cultura e educação não têm nada a ver com cor da pele, vestimentas ou posição social. (ACADÊMICO/A DO CURSO DE PEDAGOGIA E BOLSISTA DO PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS).

> Estudar o tema voltado às questões étnico-raciais tem muita relevância, pois o pedagogo precisa ser um mediador de conflitos quando se deparar com o preconceito em seu ambiente de trabalho (ACADÊMICO/A DO CURSO DE PEDAGOGIA E BOLSISTA DO PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS).

> As ações racistas acontecem todos os dias e em todos os momentos na vida cotidiana. Por isso, o pedagogo precisa ter noções de como resolver as situações com que vai se deparar no seu trabalho (ACADÊMICO/A DO CURSO DE PEDAGOGIA E BOLSISTA DO PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS).

> A formação em pedagogia envolve diretamente entender as relações escolares. ambiente onde há múltiplas personalidades, inúmeros conflitos originados a partir de uma abordagem secular eurocêntrica, entre os quais encontram-se as relações énico-raciais. O aprofundamento no tema ampliará a habilidade de contornar conflitos e a busca de construção de relações de solidariedade, de respeito e tolerância dentro do ambiente escolar, principal palco de lutas (ACADÊMICO/A DO CURSO DE PEDAGOGIA E BOLSISTA DO PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS).

> O Estudo das relações raciais no curso de Pedagogia é de suma importância na nossa formação, tendo em vista que o pedagogo, pois como um profissional da educação

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

> irá se deparar com situações diversas de preconceito, racismo, exclusão e outros. é imprescindível que o educador esteja preparado para trabalhar e lidar com esses temas no ambiente escolar, a fim de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes (ACADÊMICO/A DO CURSO DE PEDAGOGIA E BOLSISTA DO PET/ PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS).

Houve ainda várias participações em eventos culturais e educacionais em escolas no estado do Amapá, bem como em comunidades quilombolas, entrevistas com líderes comunitários, bem como coleta de narrativas de pessoas idosas que trouxeram uma bagagem histórica sobre essas comunidades.

Os bolsistas também foram sempre convocados/instigados a participar de bancas de apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bancas de qualificação e defesa de dissertação, produção científica, dentre outros. É pertinente destacar que além das atividades realizadas mediante a leitura e discussão dos TCC e as dissertações de mestrado orientadas por nós sobre a temática das relações raciais, buscamos incentivar os bolsistas do PET a participarem de aulas de Seminário de Pesquisa I, II, III, IV, bem como nos encontros do grupo de pesquisa para discussão da temática racial nas suas interfaces com a educação, tanto na UNIFAP como em outras localidades. Nossos alunos têm, portanto, no chão da escola e outros espaços, com suas problemáticas, o alimento para suas pesquisas e o espaço onde possam articular a teoria com a prática.

Ainda no âmbito do PET e do grupo de pesquisa fizemos várias incursões por escolas localizadas em comunidades quilombolas do estado do Amapá, de modo a compreender os processos de inclusão da cultura negra nos currículos escolares, seus desafios e perspectivas. Ao mesmo tempo realizamos entrevistas dentre as quais destacamos a entrevista com a liderança da Banda Placa Produções Culturais[9]. Igualmente acompanhamos as atividades culturais realizadas pelo Grupo Raizes do Bolão[10], assim como o Ponto de Cultura da cidade de Mazagão Velho-AP. Tudo isso a alimentar nossas discussões e análises, além de fornecerem material para os artigos científicos e trabalhos para apresentação em congressos científicos da área. Atividades outras como: Palestras e outras intervenções em escolas e em outros foruns que discutem a questão racial na educação escolar fizeram parte do rol de atividades do nosso grupo, em conjunto com o Núcleo de Relações Raciais do Governo do Estado do Amapá (NEER).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto PET relações raciais foi uma oportunidade ímpar na sistematização de estudos sobre o racismo no mundo e no Brasil, de revisitar conceitos como os de racismo, discriminação racial e preconceito racial, ao mesmo tempo que estimulou os acadêmicos bolsistas a mergulharem nas suas próprias memórias raciais, percebendo

9 A Banda Placa além de produzi músicas voltada para a cultura amapaense realiza projetos culturais, sociais e educacionais, fomentando o legado da produção histórica e cultural do Amapá.

10 O grupo Raízes do Bolão vive no quilombo do Curiaú, área rural da cidade de Macapá-AP, onde mantém a tradição de cantar os ladrões (cânticos) que falam de situações diversas do cotidiano e de temas religiosos da cultura negra amapaense.

como elas traduzem as teorias racistas dominantes, as sutilezas de um racismo disfarçado e as formas através das quais se foi aprendendo a ser racista, nas entrelinhas dos discursos, das atitudes e das situações vividas, ouvidas e relatadas.

Os momentos de reunião coletiva para estudos de textos, para discutir situações concretas ou outros conteúdos planejados contribuíram para entender o racismo presente no Amapá e no Brasil, suas bases de sustentação, as sutilezas que a realimentam na fala dos professores sobre suas experiências em família e na escola.

A etapa de preparação para ida a campo compreendeu o estabelecimento do início dos contatos com as escolas, o levantamento das necessidades das mesmas, escolha dos temas, preparação em termos teóricos e metodológicos nos conteúdos necessários para a atividade, elaboração do projeto de colaboração, em todas as suas etapas. Ao mesmo tempo, procurou-se divulgar o trabalho junto aos demais alunos da UNIFAP, mostrando sua importância na formação de professores e de cidadãos.

As colaborações consistiram na realização de palestras, oficinas, minicursos e outras atividades paralelas. O grupo também desenvolveu também atividades nas outras turmas do curso de Pedagogia, com o objetivo de promover a divulgação das atividades do *Pet/Pedagogia Relações Raciais e Educação* e chamar os outros estudantes para o envolvimento com a temática. As ações consistiram na realização de palestras, oficinas, minicursos e outras atividades paralelas.

Avaliamos que todas as atividades relativas às diversas fases do projeto contribuíram para que a UNIFAP[11] e o curso de Pedagogia ampliassem seu foco de atividades, com a inclusão de forma mais geral das discussões sobre a temática das relações raciais, o que, evidentemente, vem acontecendo, através da instituição de políticas afirmativas na graduação e na pós-graduação, todas instituídas por lei, mas que careciam de sustentação teórica e de uma preparação mais ampla da comunidade universitária para sua efetiva implementação.

Através das atividades do PET percebemos que outros cursos da universidade conjugaram esforços no sentido de ampliar suas discussões, incluindo a temática racial em seus vários desdobramentos. Importa ainda destacar que, embora tenha sido ainda um ponto frágil, alguns dos nossos estudantes se empenharam em publicar artigo sobre o tema, em revista científica da área educacional e participar de atividades de divulgação do trabalho em eventos científicos locais, regionais e nacionais.

Nos encontros de avaliação foi consenso entre todos que os estudos contribuíram

11 É pertinente destacar que com o fruto dessa experiência instituinte, ficou bastante perceptível o aumento significativo da procura pelo tema e o incremento da participação e do interesse não só pelo *Pet/Relações Raciais e Educação*, como também pelo componente curricular do curso de pedagogia "Seminário de pesquisa I, II, III E IV" que trouxe a ideia como tema de pesquisa, os TCC decorrentes desse componente curricular; a disciplina também do curso de pedagogia "Educação para as relações étnico-raciais" e várias outras atividades dentro do curso que englobaram debates sobre a importância do tema na formação de professores e, no âmbito dos programas de pós-graduação em que os autores participaram e ainda participam, seja em parceria, seja individualmente e/ou em grupos, percebemos igualmente um aumento crescente da procura por uma vaga no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP) e atualmente Doutorado em Educação na Amazônia (EDUCANORTE) para pesquisar sobre esse assunto em eixos diversos. A exemplo desse incremento na procura por uma vaga, apenas no Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNIFAP - processo seletivo do ano de 2015/2016 - inscreveram-se mais de 250 candidatos para disputar apenas três vagas disponibilizadas para o tema "Educação e Relações Raciais na Amazônia".

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

sobremaneira para o desenvolvimento do espírito crítico sobre a sociedade brasileira, sobre o mundo e sobre a realidade das escolas da sua região, de um lado, e de outro possibilitaram a aplicação dos conhecimentos adquiridos, em diálogo com professores e alunos, levando-os a uma reflexão mais ampla.

Além disso, ainda na fala dos bolsistas[12], os estudos relativos ao projeto propiciaram a eles outras ferramentas que permitiram atividades pedagógicas antirracistas, mais inclusivas e interculturais, além de desenvolver habilidades relativas à pesquisa teórica, de campo, metodologias de ensino e pesquisa, capacidade de lidar com as diferenças, valorizando-as ao invés de discriminá-las. Enfim, ampliar seu senso de cidadania. Em destaque o processo de estímulo aos demais colegas do curso e de outros cursos, alertando-os para a importância de uma reflexão mais crítica sobre a temática das diferenças, de um modo geral, na construção de uma sociedade realmente democrática.

O processo de tutoria se deu sempre em todas as etapas. O tutor/a esteve presente na grande maioria dos eventos e discussões e em todas as atividades realizadas dentro e fora da instituição, o que não implica dizer que o "petiano" não teve autonomia para, sozinho, buscar atividades e eventos para aprofundar seus estudos, desde que apresentasse um relatório ao tutor.

Assim, com estudos de pós-doutoramento na temática das relações raciais pudemos, assim, usar nosso conhecimento e nossa experiência para fortalecer a formação dos "petianos" sob sua responsabilidade, dentro da temática das relações raciais e suas interfaces com a educação, cobrando, exigindo esforço no seu crescimento pessoal e profissional, porém compreendendo suas limitações e estimulando-o a buscar superar suas dificuldades.

Como resultados gerais percebemos que contribuímos para o crescimento pessoal e profissional dos acadêmicos envolvidos no projeto, propiciando-lhes ferramentas teóricas, metodológicas, de pesquisa, de ensino e de aplicação teórica, em um movimento constante de reflexão-ação-reflexão. Tudo em benefício da educação e da sociedade amapaense e brasileira.

12 Os encontros para avaliação das atividades eram frequentes envolviam num círculo de conversas no qual era aberto para considerações por parte dos bolsistas, a fim de manifestarem suas dificuldades ou eventuais descontentamentos com o rumo do projeto, ou mesmo para destacar suas contribuições para a mudança na percepção da questão racial no Amapá, seja em nível pessoal ou coletivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. (org.). **Formação de professores**: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 01 set. 2018.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANEN, A. **Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural**: tensões e implicações curriculares. Cadernos de Pesquisa, n. 111, 2000, p. 135-150.

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DÁVILA, J. **Diploma de brancura**: Educando o Brasil. São Paulo. Editora da UNESP, 2006.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FOSTER, E. da L. S. **Garimpando pistas para desmontar racismos e potencializar movimentos instituintes na escola**. Curitiba: Appris, 2015.

GOMES, N. L. **Alguns termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil**: Uma Breve Discussão. *In:* Educação antirracista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, N. L. (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/03**. Brasília: MEC, SECADI, 2012.

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

HECKERT, A. **Narrativas de Resistências**: Educação e Políticas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – Rio de Janeiro, 2004.

LINHARES, C. Projeto de Pesquisa. **Experiências Instituintes em Escolas Públicas**: Memórias e Projetos para Formação de Professores, 2000.

LINHARES, C. Projeto de Pesquisa. **Experiências Instituintes em Escolas Públicas**: Memórias e Projetos para Formação de Professores II, 2002.

LINHARES, C. F. **Experiências Instituintes em escolas públicas e formação docente**. Projeto de Pesquisa – UFF, 2006.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 193 – 209 | jan/abr 2021

LINHARES, C. Tempo de recomeçar: movimentos instituintes na escola e na formação docente. *In:* DALBEN, A. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.801-818.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2013.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MELUCCI, A. **Por uma Sociologia Reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade Nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

QUASE DEUSES. Direção: Joseph Sargent. Produção: Mike Drake e Julian Krainin, Produtora: HBO Films, EUA, 2004. 1 DVD.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação (MEC) pelo apoio financeiro à pesquisa, ao ensino e a extensão universitária na UNIFAP.

Recebido em 30/01/2021
Aprovado em 02/08/2021